

12. Almas enfermas

Na Regra, como dizia, o termo *infirmitas*, *infirmus*, não se limita à fragilidade da doença ou da constituição física dos monges. São Bento ama usá-lo também para as fragilidades moral e espiritual. No capítulo 72, pede a todos os monges, de forma resumida: "Tolerem pacientissimamente suas fraquezas (*infirmitates*) quer do corpo quer do caráter" (72,5).

No capítulo 27, um dos mais bonitos e misericordiosos da Regra, sobre a solicitude que o abade deve ter para com os irmãos excomungados, São Bento lhe lembra que "deve cuidar das almas enfermas (*infirmarum animarum*), e não a tirania sobre as sãs" (27,6).

O que isto significa? Simplesmente que o abade ou abadessa querem encontrar, por assim dizer, a sintonia certa no exercício de sua responsabilidade, devem "sintonizar-se" sobre a enfermidade das almas dos irmãos ou irmãs. Se os superiores tivessem somente comunidades de almas saudáveis (supondo que existam, mas nunca encontrei...), sua autoridade correria o risco de se tornar uma questão de ser mais saudável dos saudáveis, mais forte dos fortes. E isto conduz à "tirania", a qual fala aqui São Bento. Ao invés, se a sua autoridade deve se basear na enfermidade, fragilidade das almas dos irmãos e irmãs, então não se trata mais de ser o mais forte dos fortes, mas de encontrar uma maneira de lhes cuidar, de lhes fazer o bem, de lhes amparar em suas fragilidades, e isto não é mais uma questão de força, mas de amor, caridade, misericórdia. O campo de missão de um superior, como de cada membro da comunidade, é a fragilidade de cada alma, cada coração, que não precisa ser governado, mas acima de tudo, de ser amado; e precisa ser governado, corrigido, guiado, na medida em que estas são modalidade para expressar o amor misericordioso para com eles.

Uma palavra então, é muito importante para definir a natureza do governo de um superior: a palavra "cuidado". A encontramos aqui ("deve cuidar das almas enfermas"), mas percorre toda a Regra, e devemos retomá-la, depois de meditar sobre o tema da fragilidade moral, porque é um conceito fundamental para entender qual é a intenção de São Bento quando fala de misericórdia.

A Regra fala, portanto, de enfermidades físicas, mas também da enfermidade das almas, isto é, enfermidades morais. É a fragilidade, por exemplo, da ovelha perdida que o Bom Pastor, isto é, Jesus, vai em busca nos montes, e "tem tanta compaixão de sua enfermidade – *cuius infirmitati in tantum compassus est*" que a leva ao rebanho "em seus ombros sagrados" (RB 27,9).

Neste capítulo 27, São Bento define os monges afetados por uma enfermidade moral, e que devem ser objetos do máximo cuidado e solicitude do abade, "*delinquentes fratres* – irmãos delinquentes" (27,1). Esta palavra, que para nós hoje é quase sinônimo de criminoso, literalmente, significa algo como: "deixar o lugar onde se deveria estar". O termo retorna em vários capítulos da Regra, como o termo "pecado". No capítulo 2, São Bento une as duas palavras, para defini-las melhor, uma com a outra: o abade não deve "dissimular as faltas dos culpados (*peccata delinquentium*), mas logo que começarem a brotar ampute-as pela raiz" (RB 2,26).

Parece que a etimologia de "pecar" seja "errar o alvo", por exemplo, quando se lança uma flecha. O "pecado dos delinquentes" é, no fundo, todo comportamento ou atitude que falta ao alvo da vida, não corresponde ao fim de nossa vida, aquilo para o qual somos quistos e criados por Deus, e aquilo que somos chamados pela nossa vocação. Corrigir, neste caso, significa "corrigir a mira", redirecionar para o "alvo" o tiro da nossa "flecha". Se, se corrige imediatamente, basta pouco para reencontrar o caminho certo da vida. Se espera muito tempo, é sempre maior, o risco que a vida de uma pessoa não alcance a meta, o destino pelo qual foi feita. O Papa fala, as vezes, da distinção entre "pecadores" e "corruptos". Talvez a corrupção poderia ser definida como ir na direção oposta da vida. Em vez, o pecador se distancia do caminho, se perde, mas permanece capaz ou, pelo menos, aspira reencontrar a direção certa.

Esta ideia parece-me importante, porque nos ajuda também a entender, que o problema dos nossos pecados não é, tanto e apenas, este ou aquele fato, este ou aquele incidente a ser consertado ou uma mancha a ser tirada da roupa, mas se trata da direção que toma o caminho da vida. Portanto, não se trata apenas de cancelar ou consertar os próprios pecados, mas de nos converter para reencontrar a direção certa do caminho, um caminho que é feito de pensamentos, palavras, comportamentos, sentimentos. Uma tendência ao pecado não se corrige como quando lavamos a sujeira, mas retomando um caminho na direção certa. E é aqui que entendemos o quão importante é o papel daqueles que devem conduzir, acompanhar – como o abade ou abadessa – a nossa comunidade, ou os anciãos espirituais dos quais já falamos (cf. RB 46,5-6). Por isso, para nos corrigir do pecado e da "delinquência", ao invés do que "branqueadores" ou "restauradores", precisamos de pastores, guias, acompanhadores.

São Bento cita o Salmo 31 no quinto grau da humildade, o grau onde se aceita revelar os próprios pensamentos ao abade: "Dei a conhecer a Vós a minha falta (*delictum*) e não escondi as minhas injustiças. Disse: acusar-me-ei de minhas injustiças diante do Senhor, e perdoastes a maldade de meu coração" (RB 7,47-48; Sl 31,5). Confessar o nosso pecado, admitir a nossa culpa, o nosso "delito", que é o nosso caminhar errado, não devemos fazê-lo como quando se vai à polícia para pagar uma multa ou para que nos perdoem. Devemos fazê-lo com o desejo de retomar o sentido correto do caminho da vida, da vocação e, portanto, para que nos ajudem a isto, para que nos indiquem a direção e o caminho para alcançá-la. De fato, neste quinto grau da humildade, São Bento diz, também, que a Escritura nos exorta a fazer isto, dizendo-nos com o Salmo 36: "Revela ao Senhor o teu caminho e espera nele" (RB 7,45; Sal 36,5). Mesmo se estamos em um caminho errado, mesmo se abandonamos o nosso lugar ou o caminho certo, ou seja, mesmo se somos "delinquentes", o reconhecer isto, confiando-nos a um guia, é como religar o GPS do carro e lhe permitir recalcular a rota, para voltar ao caminho certo, que nos leva ao destino. Então, mesmo os caminhos tortuosos que deveremos percorrer para reencontrar a estrada principal, vão ser úteis. Mas devemos confiar no "GPS", isto é, no Senhor e quem o representa para nós.